

INTERFACES ENTRE HISTÓRIA, TEATRO E LITERATURA: DISCUSSÕES TEÓRICAS E RELATO DE EXPERIÊNCIA

Juscelino Batista Ribeiro

Mestre em História da Cultura pela Universidade Federal de
Uberlândia e professor da área de História da Escola de
Educação Básica
–ESEBA/UFU.

RESUMO: O texto se propõe a discutir as possibilidades de interlocuções entre a disciplina de História, o Teatro e a Literatura. Para tanto, em sua primeira parte, apresentamos um breve estudo da historiografia, enfatizando as contribuições de estudiosos franceses das primeiras décadas do séc. XX, que propuseram novas perspectivas nos horizontes da História. A partir daí, houve a possibilidade de inter-relação da mesma com outras áreas do saber, proporcionando um trabalho interdisciplinar. Nessa perspectiva, trabalhamos as contribuições que o teatro e a literatura têm dado à história e à educação, através de jogos e exercícios teatrais. Além disso, apresentamos um trabalho interdisciplinar na área de História e Literatura realizado com alunos do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: História. Literatura. Teatro.

ABSTRACT: The text if considers to argue the possibilities of interlocutions between disciplines of history, the theater and literature. For in such a way, in its first part, we present a briefing study of the historiography, emphasizing the contributions of studios Frenchmen of the first decades of century XX, that they had considered new perspectives in horizon of history.

From then on, it had the possibility of interrelation of the same one with other areas of knowing, providing a work to interdisciplinary. In this perspective, we work the contributions that the theater and literature have given to history and to the education, through theater games and exercises. Moreover, we present a work to interdisciplinary in the area of history and literature carried through with pupils of Basic teaching.

KEYWORDS: History. Literature. Theatre.

Interlocuções da História com o Teatro e a Literatura: possibilidades educacionais

Até meados do séc. XX prevaleceu na história a concepção hermética positivista essencialmente política que, dentre outros postulados, como a defesa da objetividade e da neutralidade do historiador, defendia que fonte documental segura para a história era aquela escrita e oficial. Valendo-se, portanto, destas fontes documentais, os historiadores, de maneira objetiva, poderiam extrair a verdade dos documentos. Qualquer outra fonte documental de natureza diferente deveria ser investigada com muito cuidado pelo historiador, por ser considerada apócrifa.

No entanto, a partir de meados do séc. XX, verificou-se uma profunda mudança no interior da história, ampliando de forma inaudita o campo de atuação da mesma.

Indubitavelmente, os franceses Marc Bloch e Lucien Febvre foram importantíssimos nesse processo de redimensionamento da história, após a fundação da Revista *Annales*, em 1929, na França. Os colaboradores da Revista faziam severas críticas à história positivista, propondo uma nova perspectiva para a história, a qual ultrapassasse os limites da abordagem política, característica da história positivista, resgatando e incorporando temas antes negligenciados, como as questões sociais e culturais.

Dessa forma, foram abertas novas trilhas dentro do campo histórico, o que possibilitou um grande enriquecimento, posto que, a partir daí, seu leque de atuação ampliou-se consideravelmente.

Dentro da perspectiva renovadora desta nova história, o *corpus* documental tornou-se muito mais amplo, incorporando às fontes escritas e oficiais um sem número de fontes, antes impensáveis, e que passaram a ser aceitas, entendidas como portadoras de história, trazendo consigo as impressões de seus tempos. Nesse sentido, fontes imagéticas, orais, estatísticas, a literatura, a música, o vestuário, o teatro, enfim, uma enorme quantidade de fontes documentais passou a ser aceitas como representação de uma dada sociedade e/ou de um dado período. Com estas novas fontes e os profícuos diálogos que os historiadores passaram a estabelecer com profissionais de outras áreas, como a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia, novos olhares foram lançados sobre o processo e o fazer histórico, tornando a história muito mais rica e instigante.

Assim como a historiografia, a educação também tem passado, constantemente, por processos de revisão, possibilitando uma reflexão acerca do seu papel e de suas relações com o contexto maior da sociedade. Dessa forma, muitas possibilidades também foram abertas no interior do processo de ensino/aprendizagem,

como a interdisciplinaridade, abrindo caminho para um importante intercâmbio entre as disciplinas, num processo de enriquecimento mútuo, na medida em que campos diferentes de conhecimentos interagem e lançam novas possibilidades de incremento do ensino e da aprendizagem, possibilitando ao educando o acesso a uma educação mais instigante, prazerosa e integrada.

Mudanças importantes que se processaram no âmbito da educação, e que remontam ao início do século XX, mais precisamente a partir das contribuições do estudioso John Dewey, trouxeram uma nova perspectiva à prática pedagógica no Brasil, estabelecendo novos critérios, novos postulados na relação ensino/aprendizagem. O aluno passa a ser visto como um sujeito capaz de produzir conhecimento, ultrapassando os estreitos limites da pedagogia tradicional, que entendia o professor como detentor de um saber que deveria ser repassado ao aluno, mecanicamente, sem qualquer participação do educando, que receberia as informações de forma passiva.

De acordo com a proposta renovadora de Dewey, a **Escola Nova**, o aluno assume uma nova postura frente ao processo de aprendizagem, passando a se constituir também em agente desse processo, portador de conhecimento e co-responsável pela sua formação.

A aceitação e incorporação do modelo da Escola Nova, que enfrentou muitas resistências no período e que, ainda hoje, é alvo de polêmicas no interior do debate, suscitados pelas correntes educacionais na contemporaneidade, trouxe para o primeiro plano a expressividade da criança destacando a necessidade de se compreender e respeitar o seu processo de desenvolvimento. Assim, os caminhos que levam à expressão criativa foram abertos, com o objetivo principal de desenvolver a criança como um todo, e não somente o seu intelecto. O processo de desenvolvimento passou a ter um significado mais importante do que o resultado obtido, propriamente dito, mudando substancialmente o foco da aprendizagem, dando maior ênfase ao processo de construção

do conhecimento, das várias etapas e dos fatores envolvidos que saíram da obscuridade para tornarem-se protagonistas. As propostas inovadoras da Escola Nova ganharam eco no Brasil, a partir da década de 1930, período marcante de nossa história, quando o país passou por importantes reformas estruturais.

Assim como acontece com o contexto social, que está sujeito às mudanças que ocorrem ao longo dos tempos, mudanças, quase sempre, determinadas por questões políticas e econômicas, a educação também acompanha esse fluxo, sofrendo diretamente os efeitos dessas transformações. A partir da década de 1930, houve o que muitos autores denominam de substituição do modelo agroexportador, quando o mundo ocidental sofria os efeitos devastadores da primeira grande crise capitalista, a grande depressão de 1929 e os governos dos países tiveram que concentrar seus esforços e investimentos nas indústrias nacionais. Portanto, no período mencionado, a função principal das escolas era formar mão de obra para atender aos interesses dos governos e da burguesia. No que concerne ao ensino no período ditatorial, muito já foi dito, mas vale ressaltar que os militares fizeram das escolas e livros didáticos importantes veículos disseminadores de seus ideais, além do que as escolas adotaram, e muitas continuam adotando a rígida hierarquia em suas estruturas funcionais, espelhando-se no modelo militar.

É certo que todas as mudanças de perspectiva da educação no Brasil foram acompanhadas muito de perto por educadores que, numa vertente crítica, contestaram as decisões arbitrárias das políticas educacionais, no tocante à educação, expressas em várias leis que foram criadas nas últimas décadas, como a Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 que instituiu a obrigatoriedade do ensino de educação artística nas grades curriculares, e a mais recente 9394/96, que norteia as políticas educacionais do país, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais, criados pelo Ministério da Educação, a partir de 1996, para orientar a prática educacional no Brasil.

A criação de leis, no entanto, não assegura a sua aplicação, já que não existem condições reais, concretas para que as mesmas possam ser aplicadas, verificando um grande distanciamento entre as determinações teóricas e a prática que, via de regra, é muito adversa, sem investimentos em programas de formação de professores e falta de comprometimento com um projeto sério que trate da carreira do professor, o que reflete, diretamente, na qualidade do ensino no Brasil, traduzindo o descaso com que a educação tem sido tratada no nosso país.

Entretanto, em que pesem as adversidades, importantes estudiosos despontaram como renovadores da pedagogia no Brasil. Incontestavelmente, um dos nomes mais expressivos foi o de Paulo Freire, um educador que ficou conhecido em várias partes do mundo pelo seu incansável trabalho na busca por uma educação cada vez mais concreta, mais próxima da realidade do educando. As idéias revolucionárias de Freire foram expressas em obras como *Pedagogia do oprimido* (1987) e *Educação como prática da liberdade* (1979).

Em síntese, Freire defendia uma concepção de pedagogia que levasse em conta a realidade do aluno, da qual o educador devesse partir para nortear e desenvolver o seu trabalho. Dentro dessa perspectiva, o processo de ensino/aprendizagem deve fundamentar-se em um diálogo entre educador/educando, com o propósito último de colocar o educando apto a entender as complexas redes sociais, das quais é parte constituinte, tendo capacidade de entender a trama que é tecida pela sociedade, com possibilidade, por meio do conhecimento, de interferir na mesma, promovendo mudanças.

Da mesma maneira que estudiosos/educadores/pesquisadores, com um destaque para Paulo Freire, propuseram mudanças na educação numa perspectiva crítica que, em última instância, propunha transformações nas estruturas da sociedade, um grande movimento de transformação também ocorreu no campo das artes.

Após o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, um grande número de artistas se uniu na Europa, em torno de propostas que apontavam para mudanças nos estatutos das artes e suas relações com a sociedade, resultando em movimentos de vanguarda, dos quais destacamos o Expressionismo, Cubismo e Dadaísmo. Em síntese, as idéias lançadas por esses artistas defendiam uma total reestruturação no campo das artes, da estética teatral e, por extensão, das sociedades. Assim, houve uma maior inserção das questões políticas nas expressões artísticas.

As artes que há muito vêm sendo utilizadas pelos seres humanos, como forma de expressar e representar seus universos interior e exterior, sempre estabeleceram uma relação muito direta com o contexto geral das sociedades e, assim, as manifestações artísticas sempre foram referências importantes, tanto para dar sustentação a um modelo social, quanto para a promoção de mudanças e têm dado muitas contribuições à educação, ao longo dos tempos. O teatro ocidental, cujas origens remontam a um longínquo passado, por volta do século VI a.C., nas festas em homenagem ao deus da fertilidade, do vinho e do teatro – *Baco* – sempre representou espetáculos da nossa história, tão rica de acontecimentos trágicos, cômicos e tragicômicos, possibilitando ao público, além de entretenimento, o acesso a um conhecimento de sua história, por meio da linguagem artística. Nessa perspectiva, houve uma aproximação muito grande entre o fazer artístico, a estética artística e a política, o que resultou em mudanças significativas, promovendo revoluções tanto no campo das artes, quanto na política, como ocorreu nas revoluções russas que marcaram o início do séc. XX, culminando na tomada do poder pelo partido Bolchevique, de orientação marxista, em 1917.

Nomes expressivos das artes russas tiveram um papel fundamental e efetivo na derrubada do czarismo, após a revolução de 1917. Estes artistas, dos quais destacamos Vladimir Maiakovski, David Burluk, Meyerhold, Iessênin, literalmente levaram suas

artes para as ruas, aproximando a população das idéias revolucionárias que sustentariam um novo modelo de sociedade, pondo fim a um longo regime que explorava a maioria da população em benefício de uma minoria. Da mesma forma que propunham uma nova sociedade, havia também uma proposta de uma arte que representasse uma classe que, historicamente, fora alijada de quase tudo: os trabalhadores.

Assim como ocorreu na Europa, também aqui no Brasil, as artes desempenharam um importante papel no sentido de mudanças, em especial após o Movimento Modernista de 1922 que, para além das mudanças estéticas, também defendia transformações no campo da política brasileira.

É certo que o exemplo mais cabal da inserção política das artes no Brasil diz respeito ao fundamental papel desempenhado por artistas no difícil contexto da ditadura militar, instaurada após o golpe de 31 de março de 1964, mas também é certo que desde as primeiras décadas do séc. XX houve uma inter-relação, uma relação dialética de campos de conhecimentos que se completam e se enriquecem, entre arte e política, bem como entre as artes e a educação.

Ao estudarmos a História do Brasil, é possível fazer um amplo e rico trabalho estabelecendo uma interface entre arte, literatura e educação. Entendendo as manifestações artísticas e culturais dentro de uma perspectiva antropológica, como representações de uma sociedade, é possível tomarmos como referência textos teatrais que foram produzidos em vários períodos de nossa história, os quais se constituem de relatos importantes de acontecimentos que marcaram as sociedades, as vicissitudes, das quais ninguém pode livrar-se. Como exemplo, podemos citar um importante texto teatral *A moratória*, de Jorge Andrade, que trata de um período muito expressivo da nossa história, a significativa década de 1930, quando o país passou por transformações radicais em todos os meandros, tanto na política, quanto na economia, cultura e sociedade.

Podemos também resgatar textos significativos que retratam outro importante contexto da nossa história, a ditadura militar instaurada após o golpe de 31 de março de 1964. Este foi um período no qual muitos representantes da classe artística uniram-se para denunciar as agruras de um regime cruel que cerceou a liberdade da sociedade. Contudo, mesmo sob severa vigilância, censura e sujeitos à tortura, muitos trabalhos foram feitos, seja no campo da música, da literatura, cinema e teatro em defesa da restauração da democracia no Brasil. Nesse período, verificou-se uma grande produção, em todos os campos das artes, com o objetivo comum de denunciar e acabar com o regime militar. No caso do teatro, destacamos textos importantes como *Gota d'água* e *Roda viva* de Chico Buarque, além de *O rei da vela* de Oswald de Andrade, e os textos *Galileu Galilei* e *Na selva das cidades* de Bertolt Brecht, encenados pelo grupo Oficina, que contava com importantes nomes como José Celso Martinez, Fernando Peixoto, Ítala Nandi, dentre outros.

Na mesma perspectiva de crítica e contestação política e social, encontram-se os textos escritos e representados pelo grupo teatral Arena, como *Arena conta Tiradentes* e *Arena conta Zumbi*, além de *Eles b*, dirigido por nomes expressivos do teatro brasileiro, como Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho e Augusto Boal. Esses textos apresentam muitas características comuns, como um conteúdo político bastante acentuado, apontando para as relações entre a estética e a política, entre forma e conteúdo, bem como para a possibilidade de transformações no interior da sociedade.

Nesse sentido, os textos teatrais representam as vozes de um grande número de pessoas, tais como intelectuais, estudantes e artistas que fizeram de suas obras “potentes e combatentes armas” para lutarem, com contumácia, contra as agruras do regime militar.

Mesmo sob um rígido aparato de censura e repressão, com a invasão de teatros e a prisão de artistas, como ocorreu na apresentação da peça *Roda viva* de Chico Buarque, ainda assim,

muitos artistas tomaram para si a responsabilidade de denunciar os horrores praticados pelo regime que, a todo custo, tentou calar e subjugar a todos.

Indubitavelmente, a atuação de representantes das artes foi de fundamental importância para a redemocratização do país, o que ocorreu em meados da década de 1980, apontando mais uma vez para a estreita relação entre arte e política, e ainda, entre arte e educação.

Para além da possibilidade de utilizarmos os textos teatrais como documentos, fontes que remetem a épocas específicas, como nos exemplos citados, podendo, portanto, trazer inestimáveis contribuições à história, o fazer teatral também pode contribuir bastante para a melhoria do processo de ensino/aprendizagem. No caso específico da educação no Brasil, que tem passado por sérios problemas, acompanhando o fluxo da nossa história, o teatro pode dar uma substancial contribuição para tornar o processo de ensino/aprendizagem mais prazeroso, mais dinâmico, entendendo o aluno como um sujeito do aprendizado em toda a sua complexidade, e não somente relevando o aspecto cognitivo, mas também o afetivo, psicomotor e socioeconômico.

Dentro desta perspectiva, o teatro pode dar muitas contribuições para o ensino de história, possibilitando o acesso ao conteúdo, independente de série, de maneira mais prazerosa, lúdica, lançando mão da criatividade e da imaginação. Conforme Koudela (1984, p. 28), “a imaginação dramática, sendo parte fundamental no processo de desenvolvimento da inteligência, deve ser cultivada por todos os métodos modernos de educação”.

Certamente, uma contribuição expressiva do teatro reside na utilização de exercícios e jogos teatrais que já foram estudados e colocados em prática por importantes estudiosos do teatro e da educação, como Viola Spolin, Peter Slade, Richard Courtney, Ingrid Dormien Koudela, Ana Mae Barbosa, dentre outros. Os jogos teatrais liberam a criatividade, promovem a interação, a

socialização e o trabalho em equipe, o que possibilita um melhor relacionamento entre os alunos, desperta os sentidos, estimula o raciocínio rápido e permite que o aluno se aventure e faça um trabalho de descobertas, de experimentação e criação, podendo, efetivamente, melhorar seu desempenho, independente da disciplina estudada.

De maneira geral, os estudiosos das artes advogam que a atividade dramática é inata ao homem. Desde muito cedo, a criança começa, em sua casa, a representar o seu mundo, o seu universo, por meio de suas brincadeiras. Assim, as crianças vão construindo seus símbolos, signos, promovendo suas representações de mundo. Estas representações, atreladas ao jogo dramático, remontam aos primórdios da humanidade, quando os homens primitivos faziam rituais que incluíam danças, pinturas e música. Para Courtney:

O teatro é a base de toda educação criativa. Dele fluem todas as artes. O homem primitivo expressou-se, antes, dramaticamente: dançava mimeticamente, criando os sons. Depois, necessitou a arte para pintar-se, ou cobrir-se com peles de animais, ou magicamente representar suas ações nas paredes das cavernas; e a música foi essencial para dar ritmo e tempo à sua dança dramática. A criança ‘inventa’, e em seu ‘faz-de-conta’ necessita de música, dança, artes plásticas e habilidades manuais. A expressão dramática provê as outras artes de um significado e um objetivo para a criança. A criatividade espontânea fundamenta-se na experiência dos sentidos e, quer a enfoquemos psicodramaticamente ou cineticamente, a espontaneidade tem sua base na imaginação dramática (1980, p. 56-57).

Levando em conta que as artes estão intimamente ligadas à natureza humana, aliás, este é um dos fatores determinantes que distinguem o homem dos outros animais, além de sua capacidade de produzir cultura, e interferência na natureza, em seu benefício,

dentre vários outros fatores, nada mais apropriado que lançar mão das artes para facilitar e estimular a educação.

Ingrid Koudela (1984) afirma que o valor educacional da arte reside na sua natureza intrínseca, sem necessitar de outras justificativas. O teatro, segundo a professora, tem uma importância incomensurável para promover o desenvolvimento intelectual, social e afetivo da criança. Assim, o valor precípuo das artes reside nas contribuições que elas trazem para a experiência individual, bem como para a compreensão do homem em sociedade.

Acreditando que a educação deve ter como principal objetivo a libertação do indivíduo, que por meio da informação e da formação tem conhecimento do meio no qual está inserido, podendo, assim, atuar no mesmo, a seu favor, o ensino de teatro passa a ter uma importância muito grande já que o mesmo, entendido não só como um espaço reservado à representação, mas como um espaço que possibilita a experimentação, proporciona a todos, independente de idade, autoconhecimento, tendo noção de seus limites e potencialidades, podendo, portanto, ampliá-los.

O teatro entendido não só como um espaço reservado à exibição, ou mero entretenimento, mas também como uma possibilidade de liberação e expressão do verdadeiro eu, que promove muitas descobertas, age como um fomentador da educação. Nessa perspectiva, o teatro se constitui em uma disciplina que pode dar contribuições bastante valiosas à educação, na medida em que possibilita a todos raciocinarem de forma criativa e independente, aguçando a imaginação, despertando para a prática da cooperação social, algo cada vez mais raro de se ver em nossa sociedade, que há muito tem privilegiado o individual em detrimento do coletivo.

Nesses termos, o teatro dá também uma importante contribuição para o processo de formação do indivíduo, fator de extrema importância, haja vista que há muito vivemos uma crise

de valores que, ao longo dos tempos, foram se perdendo, o que faz com que muitas crianças desconheçam a importância de se praticar a solidariedade, de respeitar as diferenças, enfim, de conviver em uma sociedade marcada pela desigualdade e com diferenças tão acentuadas.

Os estudiosos que dedicaram grande parte de suas pesquisas à relação das artes com a educação, com destaque para o teatro, para além das discussões teóricas, também fizeram muitas experiências, experimentações com pessoas das mais variadas faixas etárias, comprovando a eficácia dos exercícios e jogos teatrais no processo de aprendizagem, o que aconteceu tanto no continente americano, quanto no europeu, bem como no Brasil, com destaque para os trabalhos de Ricardo Japiassu, Ana Mae Barbosa que há muito vem se debruçando sobre as relações arte/educação, assim como os trabalhos desenvolvidos por Ingrid Koudela que aplicou e desenvolveu jogos e exercícios estudados e propostos por Viola Spolin que empreendeu um importante trabalho de pesquisa e aplicação de jogos teatrais nos Estados Unidos, o que resultou em uma referência no assunto com seu livro *Improvisação para o teatro*.

Além de Spolin, nomes como o de Peter Slade e Richard Courtney constituem-se em importantes referências para estudar as contribuições do teatro à educação, com trabalhos que resultaram de muita pesquisa teórico/prática, criando e adaptando jogos que possibilitem analisar as relações entre arte/educação.

O jogo dramático infantil, de acordo com Peter Slade (1978), é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade velada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos. A raiz do jogo dramático é a brincadeira de representar o jogo, é com ele que devemos nos preocupar primordial e primeiramente.

A respeito dos jogos teatrais, Viola Spolin afirma que eles devem ter por objetivo principal estimular a espontaneidade, já que:

A espontaneidade cria uma explosão que por um momento liberta de quadros de referência estáticos, da memória sufocada por velhos fatos e informações, de teorias não digeridas e técnicas que são na realidade descobertas de outros. A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos. A exploramos e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa (1979, p. 4).

A partir do momento em que a liberdade pessoal é liberada, na espontaneidade, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada, então, a pessoa é estimulada para transcender a si mesma e, assim, ela está liberada para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar, sem medo, todos os riscos e perigos dessa aventura.

Uma referência importante no que concerne à utilização de jogos teatrais como facilitadores no processo de ensino/aprendizagem é a professora Olga Reverbel (1989) que, em *Jogos teatrais na escola* apresenta um grande número de jogos teatrais que estimulam a imaginação, descontração e a espontaneidade, abrindo espaço para o processo de criação do educando. Selecionamos alguns jogos apresentados pela professora:

Radionovela

Organize grupos de cinco alunos.

Cada grupo cria uma cena, de improviso.

Os alunos que vão representar colocam-se enfileirados, lado a lado, sentados em cadeiras, como se estivessem num estúdio de rádio, gravando.

Fazem os sons necessários e improvisam as falas, sem se movimentar, até o final da apresentação.

Deve se debater com os alunos:

Os mesmos conseguiram representar as cenas sem precisar dos movimentos?

Somente com a voz eles foram capazes de transmitir realmente sentimentos, sensações e pensamentos?

Este jogo possibilita um desenvolvimento da espontaneidade, por meio de atividades de linguagem verbal, além de estimular o aluno a expressar sentimentos, pensamentos ou sensações.

Pantomima

Trabalhe com a classe organizada em grupos de quatro alunos.

A atividade é realizada com dois grupos de cada vez.

Em dez minutos, o primeiro grupo deve inventar uma história. Cada aluno narra uma parte dela, ou um representante do grupo conta a história toda.

Simultaneamente, o segundo grupo cria movimentos e gestos, interpretando a narrativa, construindo espontaneamente personagens e cenas.

Foco do debate:

A criação de movimentos e gestos esteve de acordo com a história?

O objetivo principal deste jogo é o desenvolver a espontaneidade, expressão corporal e a imaginação. Ele proporciona às crianças também construir pantomimas abordando situações do cotidiano, histórias infantis curtas, fábulas ou lendas.

Considerando que vivemos em uma sociedade que praticamente não reserva espaço para a espontaneidade, já que desde muito cedo temos de nos acomodar a regras, convenções, normas que são criadas, independente de nossas vontades, nos tolhendo e cerceando nossas liberdades e iniciativas, os jogos e exercícios teatrais que estimulam a espontaneidade, criatividade e originalidade, são de fundamental importância.

História, Teatro e Literatura: relato de uma experiência

As considerações apresentadas neste texto são frutos de experiências adquiridas após cinco anos de exercício como professor de História na rede pública, quando utilizei um pouco do conhecimento adquirido sobre teatro durante a pesquisa de mestrado, para estabelecer inter-relações com a História. O trabalho rendeu muitos frutos também entre História e Língua Portuguesa, mais especificamente com a Literatura Brasileira. Além disso, a experiência como professor substituto no curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia foi de fundamental importância para alargar os horizontes e conhecimentos acerca do teatro e as reais possibilidades de interdisciplinaridade entre arte/educação.

A experiência mencionada aqui resultou de um trabalho com alunos de oitavas séries de uma escola da rede pública estadual de Uberlândia, no ano de 2000. O grupo era composto por vinte alunos que se reuniu durante três meses, com encontros de uma hora, três vezes por semana, para discutir obras literárias, escolhidas previamente, que abordavam questões como o relacionamento de pessoas de origens diferentes, vindas de regiões distantes, aportando aqui no Brasil, nos séculos passados.



O trabalho utilizou como metodologia oficinas, exercícios e performances teatrais e revelou o quão prazeroso e positivo é o resultado final, que possibilitou o aprendizado para além do convencional, a partir de trocas de experiências e experimentações.

As fotos abaixo ilustram o trabalho desenvolvido nas oficinas com os alunos da 8ª série, em momentos de experimentação e criação.



O trabalho desenvolvido conjuntamente por mim, professor de História, e por uma professora de Língua Portuguesa resultou em um texto que apresento como relato de experiência, *Viagem introspectiva*, que aborda a complexidade e a variedade de povos estrangeiros que vieram para o Brasil, desde o período colonial, e de que maneira as relações entre estes povos de origens tão diferentes se construíram, seja por meio de alianças, contribuições e trocas de experiências, ou por meio de disputas e hostilidades.

Para este trabalho, apoiamo-nos em autores da literatura brasileira que abordaram essas difíceis questões, como: Lima Barreto, Antônio Callado, Cecília Meireles, Graciliano Ramos e Moacyr Scliar.

Viagem introspectiva

Quero lhe fazer um convite para um passeio que vai trilhar e desvendar caminhos, provavelmente, nunca antes percorridos e que poderão revelar inúmeros aspectos, múltiplas facetas de um ser tão próximo, tão íntimo, mas que, em muitas ocasiões, pode se mostrar tão distante: **você**.

Este convite para empreender uma expedição desbravadora de descobertas inusitadas, passa, necessariamente, pelo seu interior. Assim, prepare-se para possíveis reações surpreendentes, inimagináveis, podendo lhe causar medo, dor, paixão, repulsa, identificação, estranhamento, alegria, tristeza, enfim, uma miríade de sensações e sentimentos que são inerentes ao seu verdadeiro **eu**, trazendo à tona o que, incontáveis vezes, foi sufocado ou mascarado, devido a diversos fatores, seja pela força das circunstâncias, comodidade, convenções sociais, regras, normas, leis que podem tolher, cercear, condicionar e determinar suas

ações e reações.

Então, cuidado!, pois nesse momento poderão ser revelados os “Delfinos”,² que podem estar ocultos, resguardados em algum lugar bem secreto, nos seus recônditos; por outro lado, podem aparecer também possíveis “Nutels”,³ revelando todas as contradições inerentes aos seres humanos.

Ao longo dessa caminhada rumo ao inusitado poderão saltar dos seus baús “personagens” que foram criados por você no decorrer da sua existência. É preciso ficar alerta, pois nesses momentos as várias máscaras que incorporamos e adotamos podem cair, nos desnudando.

Em meio a essa complexidade do ser, e no que ele pode ter de mais oculto, deve sempre haver um espaço reservado para as suas aspirações, ideais e sonhos que são indispensáveis à vida, alimentos essenciais para a alma.

Meu sonho quer apenas o tamanho da minha alma,
- exato, luminoso e simples como um anel.
De tudo quanto existe, cinge somente o que não morre,
Porque o céu que o inventou cantava sempre eternidade
Rodando a sua argila fiel.⁴

Não raras vezes, nossos sonhos são castrados, obliterados por quase nada, ou são dissipados pela ação do tempo ou do sistema que vivemos, que reserva um reduzido espaço para as dimensões do lúdico e do onírico que, quase sempre, são tragados pela dinâmica, aspereza e dureza do real.

O desnudamento e o enfrentamento da realidade, se contrapondo aos espaços dos sonhos, pode ser um processo perturbador, violento, que causa traumas profundos, podendo

² Delfino é um personagem do livro *A madona de cedro* de Antônio Callado.

³ Noel Nutel é um personagem do livro *A majestade do Xingu* de Moacyr Scliar

⁴ MEIRELES, Cecília. *Viagem e vaga música*. Fragmento do poema Origem, p. 105.

ser irreversíveis. Além disso, como lidar com toda a diversidade e complexidade do seu ser, em relação a tantos outros seres, que também são multifacetados?

Certamente, a convivência entre os seres deve ser norteada pelo princípio do respeito e da alteridade. Em um país que se parece com um caleidoscópio, com tantas diversidades, é mister reconhecer e conviver com as diferenças, sem julgamento prévio, preconceitos que dificultam e até mesmo podem impedir as intrincadas redes de relações sociais.

Nossa sociedade, historicamente, foi composta por povos aparentemente díspares, com línguas, crenças, costumes, cores, enfim, culturas ricas e diversas. A conjugação destes elementos diversificados foi determinante para delinear e moldar o Brasil. Paulatinamente, foi sendo definida uma pátria que abriga várias outras em si. Este é o nosso país, ou melhor, nossos países, que apresentam uma variação incomensurável de características, resultado da sua formação heterogênea.

Em meio a tanta riqueza e tamanha diversificação, povos de origens tão diferentes, as relações que se estabeleceram nem sempre foram pacíficas. O que nossa história tem legado é que no embate os supostamente superiores, civilizados e ricos, teriam plenos direitos de submeter, subjugar, escravizar e até dizimar os mais fracos. Mas, em contrapartida, houve também aqueles que fizeram da diversidade, das diferenças, uma oportunidade para troca de experiências, para ensinar, aprender e ajudar, contribuindo para a melhoria da vida de muitos.

Um país com inúmeras riquezas naturais e tão aparentes, constituía-se em uma grande atração. Terra e água em profusão, povos exóticos e um imenso território a ser desbravado e conquistado, com um céu que apresenta uma nuance de cores que vai do chumbo ao turquesa; um sol, também policromo, que

ilumina a lua que inspira romances, seresteiros e Cecílias.

Foi esse cenário que atraiu e seduziu povos distantes, que vieram de além-mar, de todos os cantos da terra, deixando para trás parte de suas vidas e suas histórias, para aportar em uma terra desconhecida e depositar aqui novos sonhos.

Esta terra que, dentre várias outras denominações, já foi chamada “Terra dos Papagaios”, é conhecida como Brasil, mas poderia se chamar: esperança, sonhos, anseios, desejos, incertezas, riqueza, miséria, paz, guerra, vida, morte, diversidade, complexidade, pluralidade...

Nesse nosso país há espaço para que todos possam se manifestar, os Paulos, os Honórios, as Olgas, Madalenas, Policarpus, Padilhas, Jucas e mais uns cento e setenta milhões de pessoas, personagens que tecem uma imensa teia de relações, protagonizando um enredo que ainda está sendo construído e somente por meio da cooperação de cada um destes personagens é que poderá construir-se uma história com final feliz.

A convivência, em meio a tanta diversidade, passa essencialmente pelo respeito e também pelo exercício da liberdade na acepção mais ampla da palavra, com tudo o que ela pode exprimir, abarcar ou designar.

A liberdade é uma condição indispensável para que todos possam continuar sonhando. E, por que não sonhar com um tempo em que possa haver uma convivência pacífica entre os povos? A realização deste sonho, que não é utópico, dar-se-á a partir do momento que caminharmos juntos nesta direção.

Liberdade – essa palavra
Que o sonho humano alimenta –
Que não há ninguém que explique,
E ninguém que não entenda!⁵

⁵ Fragmento extraído do livro *Romanceiro da Inconfidência* (1981) de Cecília Meireles.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Jorge. **A moratória**. 2. ed., Rio de Janeiro: Agir, 1965.
- ANDRADE, Oswald de. **O rei da vela**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- BARBOSA, Ana Mae T. B. **Arte-educação no Brasil – das origens ao modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BRECHT, Bertolt. **Galileu Galilei**. Porto Alegre: Unidade Estudantil, 1998.
- _____. **Na selva das cidades**. Rio de Janeiro: Uni Rio, 1992.
- BUARQUE, Chico. **Gota D'água**. 10. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. **Roda Viva**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- CALLADO, Antônio. **A madona de cedro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro e pensamento**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GASSNER, John. **Mestres do teatro 1**. Tradução de Alberto Guzik e Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- KOUDELA, Ingrid D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- _____. **Viagem e vaga música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão**. São Paulo: Scipione, 1989.
- SCLIAR, Moacyr. **A majestade do Xingu**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.